

Estudo mostra que o mercado vive estagnação

A anunciada corrida de hospitais filantrópicos rumo a planos próprios de saúde pode não resultar no fim dos constantes problemas de caixa. Na avaliação do economista André Medice, do Instituto de Economia Pública do Estado de São Paulo (Ipesp), a perspectiva de "salvação" não é tão imediata. Em estudo publicado em 1991 pela Organização Panamericana de Saúde, Medice detectou uma relativa estagnação do mercado.

O trabalho aponta que, entre dezembro de 1987 e o mesmo mês de 1988, as empresas de medicina de grupo reduziram em 4% o volume de sua população assistida. No ano anterior, foi registrado um crescimento de 7,6%. Mesmo assim, Medice pondera que a queda não é linear. "Observamos uma troca entre sistemas", analisa. "As pessoas saem de uma modalidade de serviço (veja quadro) para aderir a outra."

O economista ressalva que, apesar da relativa estagnação, o mercado não pode ser enquadrado como um mau negócio. "Ocorre que uma das limitações dadas para o crescimento nessa área é a renda da população", diz. "Outro ponto é uma possível reação do setor público; mesmo que isso não aconteça, os novos grupos terão de oferecer atrativos para vencer a concorrência."

Uma condição que assusta o superintendente da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Antônio Carlos Forte. "Sei que não temos tecnologia para competir com as empresas do mercado", afirma o médico. "Quem acredita que um plano possa resolver nossos problemas vive uma fantasia."

Outra preocupação de Forte: os convênios montados por instituições filantrópicas podem reduzir o número de leitos destinados a pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS). A Santa Casa mantém 700 leitos para o atendimento via SUS. "Por um princípio ideológico, não vamos deixar de atender essa população", assinala. "Mas a transferência em outros hospitais já está acontecendo." (C.R.)